



Diários (1909-1923), de Franz Kafka, em tradução de Sergio Telaarolli

Juliana Serôa da Motta Lugão

PPGCL - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil*

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7942-9405>

E-mail: julianalugao@letras.ufrj.br

Em 10 de novembro de 1917, Franz Kafka encontrava-se na cidade de Zürau, região da Boêmia, para tratamento de saúde. Em seu diário, aparece a seguinte nota: “O decisivo ainda não pus no papel, sigo fluindo em dois *braços*¹. O trabalho à espera é tremendo.” Foi somente em 2021 que o leitor brasileiro teve acesso a esta e outras anotações do autor, publicadas pela editora Todavia (SP) em *Diários (1909-1923)*, em cuidadosa tradução de Sergio Telaarolli. Até então, para fontes minimamente confiáveis, era preciso recorrer às edições alemãs, a traduções para outros idiomas, ou, mais recentemente, à tradução de Isabel Castro Silva, de 2014, publicada pela editora portuguesa Relógio D’Água, a edição mais completa em português por incluir também os diários de viagem, mas de pouca circulação no Brasil. Em 2018, um volume dos diários de Kafka foi publicado pela editora L&PM, traduzido por Renato Zwick, mas só abarca o período de 1909 a 1912. Registre-se aqui também a pouco conhecida edição dos *Diários de viagem*, traduzida por Marcelo Rouanet, de 1998, para a Atalanta Editorial.

Ao adentrar os diários, o leitor é arrebatado por uma escrita sempre precisa, a nenhum momento vacilante ou canhestra. Nas anotações diarísticas, Kafka pode até ter maus dias em sua vida, mas jamais em sua escrita. Reconhecemos de imediato o estilo do autor, como se ele já soubesse que tudo seria publicado, a despeito de seu irônico testamento ao amigo Max Brod, redigido em dois bilhetes contraditórios, com o duvidoso pedido de destruir todos os seus escritos – impossível de atender, como aponta Susana Kampff Lages (2012, p. 273 s.).

As páginas dos *Diários* revelam uma escrita permeada pela interrupção, pela cesura – das elaborações longas às mais sintéticas. Um ponto final inesperado ali onde se espera um desenvolvimento causa um desconforto bem-humorado que não decai em piada fácil, nem oferece alívio à tensão, como na conhecida anotação de 2 de agosto de 1914: “A Alemanha declarou guerra à Rússia. – À tarde, natação” (2021, p. 387).

* Processo 204.212/2021

¹ Todas as traduções dos *Diários* de Franz Kafka seguem, neste texto, a tradução feita por Sergio Telaarolli (2021). Aqui, sigo a tradução de Sâmella Russo (2020), destacada com o *grifo*, pois servirá melhor ao argumento.



A cada página, a modernidade do escritor toma o leitor de assalto. Já na frase de abertura dos *Diários*, nos faz imaginar o *trailer* de um filme (remetendo à famosa cena dos irmãos Lumière): “os espectadores ficam petrificados quando o trem passa” (2021, p. 7). Depois do cinema, Kafka nos leva também ao teatro, fazendo aparecer também a intensa relação que mantinha com a cena cultural urbana de Praga – frequentador de salões, galerias e admirador das artes da cena, comenta sobre o desempenho dos atores, tramas, cenários e figurinos. E se as narrativas kafkianas não exibem autorreflexão ou incursões metaliterárias explícitas, tais características da modernidade literária aparecem de modo recorrente nos *Diários*. Não raro o escritor aparece como cansado jurista que passa o dia na repartição e se vê preso ao mundo do trabalho num momento em que o capitalismo moderno avança a ponto de perturbar a vida de escritores, artistas, pensadores, o que, para o Kafka dos *Diários*, tem más consequências, inclusive físicas.

Após o arrebatamento inicial, uma sensação de estranheza persegue o leitor. Ao se ler um diário de escritor, busca-se por vezes a revelação de um segredo, uma chave para desvendar a obra. E Franz Kafka não pode corresponder a essa expectativa: ao mesclar anotações ficcionais e observações diarísticas, borra os limites entre fato e ficção, entre todo e partes, convertendo a leitura em incessante exercício de interpretação e reinterpretação.

Traduzir é editar é (re)interpretar

Como observa Renato Faria, é difícil manter-se indiferente ao fato de que a produção literária de Franz Kafka é, na verdade, um “conjunto assombroso e quase infundável de fragmentos” (2011, p. 9). Assim, as tarefas de tradutor e editor necessariamente se confundem no caso de Franz Kafka. A natureza do material demanda que o tradutor realize escolhas que, em geral, ficariam a cargo dos editores, tornando-se ele corresponsável pela seleção e organização do material, inclusive pelo grau de intervenção no estabelecimento do texto.

Se, no Brasil, Kafka tem uma recepção consistente, estando a quase totalidade de sua obra ficcional disponível em traduções feitas diretamente do alemão (BOTTMAN, 2014; SOUSA et al. 2005), sabe-se, pelas edições críticas em língua alemã, e por ao menos três recentes teses de pesquisadores brasileiros – Renato Faria, 2011; Sâmella Russo, 2020; Gabriel Guimaraes, 2021 –, que é preciso ao menos desconfiar de boa parte das edições em português dos textos do autor. Isso porque seguem, muitas vezes, a edição estabelecida por Max Brod, o amigo responsável pelo espólio de Kafka e que o editou buscando projetá-lo como grande romancista, convertendo inacabados projetos de romances em obras aceitáveis em seu tempo, ou quando recorrem às edições críticas – como o caso de *O Castelo*, em tradução de Modesto Carone (2000), cuja última frase é inconclusa e assim mantida –, relegam o aspecto manuscrito, marca da quase totalidade da produção do autor, à margem.

A chamada “virada arquivística” nos estudos literários tem revelado que os arquivos de escritores não são meros repositórios passivos de papéis antigos e fontes primárias, mas tensos espaços de negociação de discursos e poder e disputa por interpretações. E os pesquisadores, por sua vez, atuam como coprodutores da memória literária ali guardada a partir de suas indagações,



interpretações e achados (STEAD, 2016, p. 11). No caso dos textos kafkianos, cujo alcance entre nós resulta numa fortuna crítica que por vezes prescinde do recurso aos originais, seria útil que as traduções apresentassem, especialmente em seu corpo, mas também em paratextos editoriais, as revelações do arquivo em sua materialidade. E não seria a tradução da escrita diarística justamente uma ocasião propícia para se cumprir essa tarefa?

A presente edição *Diários* (1909-1923), infelizmente, não se incumbe da tarefa, ainda que os aspectos materiais dos *Tagebücher* sejam rastreáveis nas novas edições críticas alemãs e nas mais recentes fortunas críticas brasileira e internacional. Conta com um útil índice remissivo, informativas notas de rodapé e uma breve nota do tradutor, sintetizando a história de sua publicação – desde a edição de 1937 por Max Brod até chegar à edição crítica da editora S. Fischer em três volumes (1. Texto estabelecido, 2. Aparato crítico e 3. Comentário – a assim chamada KKA), mas não faz menção à prestigiosa edição histórico-crítica, fac-similar, com alguns volumes ainda no prelo, organizada por Roland Reuß e Peter Stängle desde os anos 90 para a editora Stroemfeld e, mais recentemente, para a editora Wallstein (FKA).

Conhecedor, portanto, de apenas parte da história editorial dos textos dos *Diários*, Telarolli (2021, p. 552) descreve sua tradução/edição como *integral*, sem as intervenções editoriais de Max Brod, que suprimiu tanto passagens que considerava comprometedoras bem como textos ficcionais que publicou separadamente, como *O veredito* e *O foguista*. “Integral” aqui significa, pois, que abrange os doze cadernos *in-quarto* (25cm x 20cm) sem pauta, acrescidos de dois maços de papéis avulsos que somam 9 páginas do mesmo formato; não contempla os diários de viagem e os oito cadernos *in-oitavo* (16 x 10 cm), também mantidos por Kafka e que têm íntima relação com os cadernos *in-quarto*, seja em sua escrita diarística, seja na experimentação ficcional, além de eliminar inconsistências próprias da escrita íntima e também marcas de seus suportes materiais, ou seja, ocultando características que fazem dos diários de Kafka, como assinalou, entre outros, Andrea Rother (2007), um moderno laboratório literário.

Embora alguns cadernos tenham sido, por vezes, usados alternadamente pelo escritor, não há marcas desse procedimento no corpo da tradução, que se restringe a algumas notas. Também foram eliminados elementos gráficos, rasuras, como riscos e rabiscos, embora alguns desenhos do autor e a forma de separar as entradas, um traço na horizontal, tenham sido preservados. Em sua nota do tradutor, Telarolli justifica a correção de (prováveis) erros de datação, a padronização de grafias de nomes e títulos de obras e a organização das notas em ordem cronológica, com base no levantamento feito pelo biógrafo Reiner Stach (2017). O tradutor defende especialmente a ordenação das entradas, as quais se afastam da desordem dos cadernos em que escrevia Kafka, pois visariam facilitar a “leitura da obra” (2021, p. 552-3), a qual, em seu estado original, embalarharia datas e contextos – um impulso, portanto, semelhante ao de Max Brod.

Dessas escolhas e intervenções resulta uma edição a meio caminho entre se pautar parcialmente pela edição crítica alemã (KKA), traduzindo apenas os cadernos *in-quarto*, e apresentar um conjunto palatável ao leitor não especialista, mas desconsiderando seus outros textos diarísticos e o caráter fragmentário da escrita de um autor que evitou designar os próprios textos como “obra”, referindo-se a eles como “meus rabiscos” (LAGES, 2012, p. 272). Cabe ainda observar que, contrariamente à escolha da editora Todavia, a organização por cadernos foi mantida na

tradução (parcial) dos diários feita por Renato Zwick e na edição portuguesa traduzida e comentada por Isabel Castro Silva, que julgaram, a meu ver, corretamente, que esse aspecto da organização dos textos segundo os manuscritos e as recentes edições críticas não deveria ser preterido.

Não há dúvida que tanto a edição crítica (KKA) em três volumes, quanto a fac-similar (FKA), são obras destinadas a especialistas e é certo que, por sua vez, a tradução de Sergio Tellaroli é um trabalho cuidadoso e altamente louvável, que terá contado com competente equipe de editoração. No entanto, há ainda um outro Kafka por revelar ao leitor brasileiro, espera-se, em edições futuras: o de uma escrita que se renova a partir da potência inscrita nos arquivos e em sua história editorial. Uma escrita em larga medida experimental (ALONSO, 2021, p. 13-14), a fluir em dois braços, com uso concomitante de diversos cadernos e outros suportes, caracterizada por uma radical abertura, uma inconclusão estrutural e estruturante.

REFERÊNCIAS

- BOTTMANN, Denise. Kafka no Brasil: 1946-1979. *Tradterm*, v. 24, p. 213-238, dez. 2014.
- FARIA, Renato Oliveira de. “**Assalto contra o limite**”: forma danificada e história em Franz Kafka. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- GUIMARÃES, Gabriel Alonso. “**Contradição**”: uma versão comentada do *Konvolut* 1920 de Franz Kafka. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.
- KAFKA, Franz. *Tagebücher*. Ed. Hans-Gerd Koch, Michael Müller, Malcolm Pasley. Frankfurt a.M.: S.Fischer, 1990, 3v.
- KAFKA, Franz. *Diários de viagem*. Trad. Marcelo Rouanet. São Paulo: Atalanta, 1998.
- KAFKA, Franz. *Franz Kafka – Ausgabe. Historisch-Kritische Ausgabe sämtlicher Handschriften, Drucke und Typoskripte*. Ed. Roland Reuß e Peter Stängle. Frankfurt a.M.: 2020, 10v.
- KAFKA, Franz. *O castelo*. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- KAFKA, Franz. *Diários 1909-1912*. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2018.
- KAFKA, Franz. *Diários – Diários de viagem*. Trad. Izabel Castro Silva. Lisboa: Relógio D’Água, 2019.
- KAFKA, Franz. *Diários – 1909-1923*. Trad. Sergio Tellaroli. São Paulo: Todavia, 2021.
- LAGES, Susana Kampff. Das (im)possibilidades de traduzir Kafka. In: KAFKA, Franz. *O desaparecido ou Amerika*. Trad. Susana Kampff Lages. São Paulo: Editora 34, 2012, p. 271-292.
- ROTHER, ANDREA. *Hier muss ich mich festhalten: Die Tagebücher von Franz Kafka, ein literarisches Laboratorium 1909 - 1923*. Berlin: dissertation.de, 2007.
- RUSSO, Sâmella Michelly Freitas. “**A escrita e os diários**”: a luta pelo reconhecimento da singularidade de Franz Kafka. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.
- SOUSA, Celeste; BRITO, Eduardo; SANTOS, Maria Célia. A recepção da obra de Franz Kafka no Brasil. *Pan-daemonium Germanicum*, n. 9, p. 227-253, 2005.



STACH, Reiner. **Kafka von Tag zu Tag**: Dokumentation aller Briefe, Tagbücher und Ereignisse. Frankfurt a. M.: Fischer, 2017.

STEAD, Lisa. **The Boundaries of the Literary Archive**: Reclamation and Representation. London: Routledge, 2016.

TELAROLLI, Sergio. Sobre esta edição. *In*: KAFKA, Franz. **Diários 1909-1923**. Trad. Sergio Telarolli. São Paulo: Todavia, 2021, p. 551-554.